

“SEGREDOS E SILÊNCIOS NA INTERAÇÃO COM SURDOS”

GILs / UEPa¹

Cyntia França C. Andrade²

Hermínio T. S. Santos³

Kátia Andréia S. Santos⁴

INTRODUÇÃO

Tomamos emprestado o título do livro de Paula Botelho, fazendo nele uma pequena alteração, já que a autora relata em sua obra, alguns aspectos fundamentais do processo educacional da pessoa surda, mas que acabam sendo tratados silenciosos e secretamente pelos indivíduos envolvidos nesse processo, descrito pela autora da forma mais ampla, que inclui a educação familiar e o processo de socialização como um todo.

Em seguida, o tema foi pensado e decidido como fruto de discussões que giraram em torno do processo de auto-afirmação da cultura surda belenense. Ou seja, se o objetivo é provar a existência dessa cultura, por que não observar os indivíduos ouvintes na sua interação com as pessoas surdas, seus aspectos comportamentais, lingüísticos, estigmatizantes, culturais e outros mais? A maioria das pesquisas feitas na área da surdez giram sempre em torno de adaptações para os surdos, ou de estudos destes, mas sempre em relação ao ouvinte, o que de certa forma ainda acaba tratando este último sob uma visão de superioridade, mantendo com isso o caráter marginalizante do grupo excluído.

A partir de então, passamos a atentar para a expansão da Língua de Sinais e o espaço que ela vem conquistando nas esferas sociais e educacionais, que por sua vez acaba acarretando um considerável aumento na procura por cursos de L.S. (Língua de Sinais) por pessoas ouvintes, pelos motivos mais variados, desde pais que querem interagir com seus filhos, profissionais da área da educação, alunos de Pedagogia e outros cursos, até simples curiosos. Tendo em vista que o curso já é ministrado para ouvintes desde 1996, há também uma melhora quantitativa e razoável expansão (regional) das relações lingüístico – sociais entre surdos e ouvintes. Enquanto isso, a melhora qualitativa só torna-se visível a partir do momento em que estes ouvintes dominam a L.S., passam a ser aceitos pela comunidade surda enquanto membro, e ao final de um processo lento e gradual, tornam-se agentes multiplicadores e produtores desta cultura.

¹Grupo de Intérpretes de Língua de Sinais da Universidade do Estado do Pará

²Graduanda do curso de Formação de Professores da UEPa

³Cursando de Pedagogia com habilitação em Educação Especial – 3º ano

⁴Cursando de Pedagogia com habilitação em Educação Especial – 3º ano

E foi justamente nesses ouvintes, aprendizes da L.S., dos iniciantes aos mais experientes, que centramos nossas observações, contextualizando-os sempre, na problemática “inversa” surgida das discussões: que tipos de posturas, no uso da L.S., são tomadas por ouvintes, que podem vir a constituir barreiras nas relações lingüístico – sociais entre estes e os surdos?

Assim sendo, fizemos considerações que achamos pertinentes à complementação da temática, como, por exemplo, a formação das minorias nas quais os surdos a estar inclusos, por um processo sócio – historicamente construído; a aquisição da Língua de Sinais pelos ouvintes, algumas estratégias e seus resultados. Essas considerações nos dão respaldo para as descrições das características principais do que denominamos “Segredos e Silêncios na Interação com Surdos”.

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS MINORIAS

Não há algum indivíduo que não viva em sociedade, e isso inclui todas as espécies vivas habitantes do nosso planeta. Desde os primórdios, de acordo com quaisquer das teorias da evolução humana, da científica à religiosa, não há uma que deixe essa questão em aberto, dando espaço para dúvidas ou questionamentos.

Com isso, todos os grupos sociais, inclusive o dos animais, passam a direcionar suas práticas para uma simetria, coesão e estabilidade do mesmo. Isto apenas torna-se possível através da criação de um conjunto de critério ou regras, que passam a determinar os padrões, parâmetros e condutas consideradas aceitáveis para a manutenção da estabilidade e da paz do grupo. Isto é, os mecanismos de controle social são criados para garantia da ordem e da conformidade da maioria dos membros de determinado grupo social.

“O modo de vida coletiva do homem determina automaticamente uma série de necessidades. Uma delas diz respeito à manutenção e integridade da vida coletiva em todas as situações. Criam-se regras e normas que ajudem a preservar a vida coletiva, a despeito de motivos individuais muitas vezes conflitantes com o modo de vida coletiva. Criam-se expectativas acerca de atributos e comportamentos, as quais muitas vezes adquirem a força de normas que precisam ser cumpridas rigorosamente. Criam-se assim, os desvios que podem estar sobrepostos ou não a patologias específicas”
(Omote, 1994).

E esses processos de seleção natural, historicamente, passou da seleção natural da visão da evolução filogenética, na forma de seleção natural física, para uma “seleção ‘natural’ social” (Glat, 1995).

Assim, nesses indivíduos, cada vez mais, forma-se uma contradição conflitante entre suas personalidades, maneira de ser, e o que socialmente é considerado normal para a comunidade de convivência “ou seja, existe uma

dicotomia entre o que eles são e – para efeito de aceitação social – quem eles deveriam ser” (Glat, 1989).

Desta forma, os desviantes ou anormais, categoria socialmente construída de desvios, como todos os grupos estigmatizados e marginalizados, acabam concentrando suas interações sociais dentro das comunidades minoritárias, constituída por seus respectivos elementos, como os aidéticos, homossexuais, negros e outras minorias raciais, e mais especificamente, cegos e surdos, dentre outras modalidades de deficiência.

Então, com relação aos surdos, e também alguns outros grupos de deficientes, a violação da normalidade é detectável com bastante facilidade, e permanente, e torna-se mais grave, uma vez que trata-se de um desvio da “linguagem”, ou seja, viola a própria “norma física do ser humano” (Glat, 1995), já que esta foi, durante muito tempo, condição de humanização; isto significa dizer que a negação aos padrões de normalidade vão além do comportamento bizarro ou não-produtivo, e este fato, juntamente com a especificidade lingüística no caso do surdo, só fortalece as interações colonialistas dos membros deste grupo.

A AQUISIÇÃO DA L.S. POR OUVINTES

De acordo com nossa realidade regional, como fora citado, a procura por cursos de L.S., já a algum tempo, vem crescendo. As fontes de informação são as mais variadas possíveis, como jornais, revistas, e, ultimamente, os programas televisivos de nível nacional, cujas repercussões alcançam proporções incomparáveis.

O público do curso é formado por elementos bastante variados, como alunos universitários (principalmente da Pedagogia, na qual a Educação Especial tem se destacado regionalmente), inclusive acadêmicos de fonoaudiologia, que apresentavam resistência quase irreversível⁵; profissionais da educação que já atuam com crianças surdas, bem como outros profissionais já preocupados com a possibilidade de vir a atender uma criança surda, a partir da nova perspectiva de educação inclusiva. Outras pessoas, por outros motivos, como religiosos e voluntários, também procuram o curso. Então, o fato do interesse levar à procura e ingresso no curso, já pode ser considerado enquanto elemento do processo de aquisição da L.S. pelo ouvinte.

Assim, iniciando o curso, ou em contato com outro surdo com finalidade explícita de aprendizagem da Libras⁶ (Língua Brasileira de Sinais), o ouvinte passa por seis fases básicas de aquisição da L.S.⁷:

⁵A variação de acadêmicos estende-se, agora, para Educação Física, Biblioteconomia, Terapia Ocupacional, Matemática etc.

⁶Alguns ouvintes preferem aprender a L.S. em contato permanente com um surdo e suas interações na cultura surda.

⁷A duração do período de estacionamento do ouvinte em cada fase, varia bastante de acordo com o interesse, dedicação, prática e estudo de cada indivíduo.

1. O Aprendizado do Alfabeto Manual: inicialmente há um receio na comunicação com o surdo, por acusação da falta de compreensão bilateral das mensagens, ainda sem a utilização do alfabeto manual. A partir da aquisição de segurança, o indivíduo inicia a tentativa de comunicação com o surdo, mas ainda oralizando toda a frase e utilizando a datilologia em algumas palavras.

2. O Aprendizado de Sinais Soltos: aprendizado e memorização, inicialmente, dos sinais relacionados ao seu contexto. Insegurança na utilização dos sinais com o surdo, preferindo a conversação com outro ouvinte aprendiz, contextualizando o discurso para a criação da possibilidade de utilização dos sinais aprendidos; encorajamento para a conversação com o surdo, sem a formação de frase completa em L.S., utilização de sinais soltos e alfabeto manual para a representação dos sinais desconhecidos.

3. Uso do Português Sinalizado: aumento do vocabulário em L.S., sinalização de frase completa, mas com o uso de preposições, conjunções e interjeições etc. na estrutura do português, descaracterizando a L.S.; utilização incorreta de sinais como “sinônimos”.

4. Aprendizado da L.S.: aumento da prática e exercícios, reconhecimento, aprendizagem e distinção da estrutura da L.S., mas ainda não apresenta expressão facial e corporal de acordo com as necessidades da língua.

5. Aquisição de Fluência em L.S.

6. Inclusão na Comunidade e na Cultura Surda: possibilidade de atuação como intérprete.

Desta forma, consideramos que a aquisição da L.S. pelo ouvinte, só se completa com a inclusão deste na comunidade e na cultura surda, já que o uso da Língua só alcança seu fim, quando o aprendiz passa a conhecer suas nuances, do indivíduo, da comunidade, e das produções desta, passando então, a fazer parte dela enquanto elemento produtor e reprodutor.

OS SEGREDOS E OS SILÊNCIOS DOS OUVINTES⁸

Para os ouvintes, em sua cultura, e em suas relações lingüístico – sociais, há uma convenção, no que se refere aos discursos e às mensagens, direcionadas à uma postura ética, para que o emissor da informação tenha “*cuidado*” com a mensagem, e não a repasse sem escrúpulos, em qualquer situação, para qualquer pessoa e de qualquer forma.

Quando se trata dos surdos, constatamos a presença de “**franqueza na situação discursiva**” (Botelho, 1998), e o confronto entre os dois posicionamentos e culturas, desta vez sob a ótica da cultura surda; o ouvinte não apresenta essa franqueza, fazendo com que acabem rotulando os surdos como “fofoqueiros”, que em contra partida, rotulam os ouvintes como “desconfiados”.

⁸Referência às atitudes dos ouvintes com relação aos surdos nas interações em L.S.. Todas as considerações foram feitas baseadas nas observações das reclamações dos surdos para com os ouvintes.

São comportamentos como o explicitado anteriormente, na interação surdo – ouvinte, em Língua de Sinais, que os primeiros acabam afastando de suas interações lingüístico – sociais mais abertas os ouvintes. E sempre em comparação com os descritos de *Botelho* (1998) é que fazemos as comparações com os outros aspectos.

Os ouvintes utilizam-se de “**mensagens não-significativas**” para a aproximação com o outro; mas quando a língua utilizada é a de Sinais, e o outro é um surdo, essas mensagens perdem ainda mais o significado, a razão e a finalidade, pois o surdo se afastará, rejeitando a possibilidade de conversação, já que desconhece tal artifício.

Em processo de aprendizagem da Língua de Sinais (2ª fase descrita anteriormente), o ouvinte ainda utiliza-se bastante da oralidade. E, se num grupo mesclado de surdos e ouvintes, numa conversação em L.S. , dois ouvintes interrompem-na e passam a oralizar, a atitude é tomada como um desrespeito para com os surdos, caso não haja a preocupação nem o esforço de repassar, também para eles, as informações oralizadas. Essas atitudes podem fazer com que o surdo afaste esses ouvintes de seu meio de conversação.

Durante a 3ª fase da aquisição da L.S. pelos ouvintes, estes passam a utilizar-se do “**Português Sinalizado**”, no qual o discurso torna-se mais longo, mais extenso, só que numa estrutura diferente da Língua de Sinais, comprometendo consideravelmente o entendimento do surdo.

Quando, então, o ouvinte passa para a outra fase, a aprendizagem da L.S., começa a adquirir fluência nela, através da prática e do convívio com outros surdos, reconhecendo a importância da expressão facial, e sem cuidado, utiliza este artifício de forma exagerada, há um perigo de que o surdo se desagrade da interação caso isso torne-se uma constante.

E, ainda nessa fase de aprendizagem da L.S., os ouvintes, por uma questão de superioridade e inferioridade, assim como os surdos nas interações oralizadas, utilizam-se da “**simulação da compreensão**” do discurso. Mas, uma vez descoberta a incompreensão, a próxima interação pode não acontecer com tanta franqueza, perdendo assim, o sentido (para o ouvinte) e a importância (para o surdo).

Por fim, fica fácil constatar a independência da L.S. com relação a qualquer outra língua , bem como a personalidade dos surdos na luta pela manutenção e reconhecimento de sua cultura. Fica bastante claro, também, que para saber dos surdos e de suas especificidades, nem a leitura de todas as bibliografias específicas nos dariam tal sabedoria, e sim o convívio, o aprendizado da Língua, o uso e estudo correto dela, e o mergulho mais profundo em sua cultura, que na verdade, só nos dão um conhecimento ínfimo do que é ser surdo.

Para saber tudo, temos que nascer novamente. E nascer surdo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTELHO, Paula. **A Leitura, a escrita e a situação discursiva de sujeitos surdos: estigma, preconceito e formações imaginárias**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. UFMG. 1998.
- _____. **Segredos e silêncios na educação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- GLAT, Rosana. **A integração social dos portadores de deficiência: Uma reflexão**. Vol. I. Rio de Janeiro, RJ: Sette Letras, 1995.
- _____. **Somos iguais a vocês: Depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Agir, 1989.
- GOFMAN, Erwing. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1982.





Aula de linguagem das classes adiantadas
Década de 30 — INES

Capa: Imagem de referência: O cortejo de Dionísio
Baixo-relevo, Museu de Nápoles

**GOVERNO
FEDERAL**
Trabalhando em todo o Brasil



**MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO**
BOA ESCOLA PARA TODOS